

CLARA
ALVES
CONECTADAS

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2019 by Clara Alves

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

As citações originais utilizadas nesta edição foram retiradas de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen (Trad. de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Giovana Medeiros

ÍCONES DO MIOLO sachin modgekar/ Noun Project (avatares)

Luiz Carvalho/ Noun Project (emoticons)

PREPARAÇÃO Sofia Soter

REVISÃO Adriana Moreira Pedro e Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, Clara

Conectadas / Clara Alves. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2019.

ISBN 978-85-5534-089-5

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

19-27075

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB - 8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial

*À minha mãe,
por todo o apoio incondicional que você sempre me deu!*

Prólogo

RAÍSSA

Tudo começou quando eu tinha catorze anos.

Foi nessa idade que aprendi uma lição importante, que mudaria a minha vida para sempre: meninos são idiotas.

Sei que estou generalizando, mas, para a Raíssa de três anos atrás, essa constatação foi como ter passado a vida com uma TV analógica e, de repente, descobrir que existe um mundo cheio de televisões Full HD. A Raíssa de catorze anos passou a ver o mundo em alta definição.

Não que eu tivesse total consciência disso na época.

Era uma tarde cinzenta, às vésperas do primeiro dia do emprego novo do meu pai. Antes, ele trabalhava oferecendo consultoria de TI e tinha uns horários meio loucos e imprevisíveis, mas agora seria um homem de rotina e passaria a maior parte do tempo fora de casa. Não sei se ele estava muito feliz com isso, mas, como dizia, “o dinheiro precisava continuar entrando”.

No último dia de liberdade, meu pai me chamou em seu escritório. Assim que apareci na porta, o encontrei com um olhar sério, sentado à escrivaninha, um móvel todo planejado de madeira rústica e que parecia passar mais tempo com ele do que a própria família.

— Acho que está na hora de termos aquela conversa — ele falou com seriedade enquanto fazia um gesto para eu me aproximar.

À sua frente estava a parafernália tecnológica que tanto idolatrava. O computador todo montado, peça por peça, com duas telas enormes e um teclado que brilhava. Meu pai era obcecado com isso e eu, como boa filha, era obcecada pela oportunidade de usar seu computador.

O que, infelizmente, nunca tive permissão para fazer.

Então, quando ele levantou e me colocou na cadeira acolchoada, senti que algo importante estava por vir.

— Acho que você já tem idade suficiente para entender a responsabilidade que é usar esse computador.

Em seguida, criou uma conta em meu nome e disse que eu poderia jogar ali quando ele estivesse trabalhando. Obviamente, não deixou de fazer um longo discurso sobre todos os cuidados que eu deveria ter com o seu precioso e me proibiu de entrar na sua conta e logar nos jogos mais violentos de que ele gostava.

E então abriu um programa.

Era um jogo recém-lançado da Nevasca Studios, uma das produtoras de games mais importantes do Brasil. Eu estava perturbando meu pai para me deixar jogar fazia tempo. E agora... estava finalmente acontecendo.

Meus olhos brilharam de emoção. Eu era cria do meu pai, afinal, então já passava a maior parte do meu tempo com joguinhos on-line, mas Feéricos era outro nível. Era um MMORPG, o que significava que pessoas do país inteiro podiam jogar juntas e interagir, cada uma interpretando um personagem.

Perdi horas montando meu avatar — uma fada de longos cabelos trançados, com um vestido maravilhoso de contos que escondia os mais diversos apetrechos de que precisaria para lutar. Perdi dias explorando o mapa do jogo, fazendo as missões que podia terminar sozinha, apreciando o gráfico. Até que começaram a surgir as missões difíceis, aquelas que eu precisaria da ajuda de outros jogadores para completar.

Foi aí que descobri o machismo do mundo dos games.

Nessa época, aprendi que esse universo podia te acolher como nenhum outro, mas também podia te massacrar num piscar de olhos.

— Ô, pai! — berrei, correndo até a sala onde ele e minha mãe estavam sentados.

Os dois pararam no meio do caminho de um beijo e me encararam, assustados.

— O que foi, Raíssa? Aconteceu alguma coisa com o computador? — Os olhos do meu pai se arregalaram antes de ele receber um empurrão de leve da minha mãe.

Eu estava tão chateada que não pude evitar revirar os olhos.

— *Aconteceu alguma coisa com o computador?* — eu o imitei, sarcástica, o tom de voz praticamente idêntico ao seu. Levei as mãos à cabeça, uma mania que meu pai tinha quando estava desesperado. — *Ai, meu Deus! Meu precioso não!*

Minha mãe tentou conter a risada, mas o som escapou por entre seus lábios, atraindo o olhar carrancudo do meu pai.

— Tá bom, desculpa, já entendi o recado — disse ele, bufando irritado.

Desde criança sou muito boa em atuar. Minha habilidade em interpretar papéis acabou me levando a gostar muito de fazer cosplay, algo que meu pai, engenheiro de software, viciado em games e dublador frustrado, sempre apoiou muito. Mesmo quando o alvo das imitações era ele.

— Mas o que aconteceu, meu amor? — minha mãe perguntou, com um tom de voz mais calmo.

— Ninguém quer jogar comigo! Os meninos são uns idiotas!

Na época, nem registrei a expressão de culpa do meu pai, que já devia ter feito o mesmo com outras jogadoras.

— Ah, meu amor. Os meninos são mesmo uns idiotas — minha mãe disse, me puxando para um abraço. — Mas não precisa chorar por isso. Você vai mostrar o seu valor, tenho certeza. Nós acreditamos na sua capacidade. Agora, vamos parar e analisar: o que você pode fazer para mudar isso?

Minha mãe era pedagoga e trabalhava com crianças. Ela tinha muito jeito para a coisa. Na mesma hora, o choro cessou e uma luzinha se acendeu em minha mente.

— Valeu, mãe, você é demais! — Abracei seu pescoço e dei um beijo na sua bochecha antes de sair correndo de volta para o escritório.

Então refiz minha conta e criei um novo avatar e uma nova identidade.

[21/04 15:21] **aylastorm**: Alô, alguém por aí?
[21/04 15:21] **aylastorm**: Preciso de uma mãozinha numa missão aqui, se alguém puder ajudar
[21/04 15:22] **smbdouthere**: Oi! Posso ajudar
[21/04 15:22] **smbdouthere**: Me invita aí!
[21/04 15:22] **aylastorm**: Invita?
[21/04 15:23] **smbdouthere**: Convida kk você é nova no jogo?
[21/04 15:23] **aylastorm**: Sim! Desculpa, to aprendendo ainda as gírias
[21/04 15:24] **smbdouthere**: Relaxa haha logo você aprende
[21/04 15:53] **aylastorm**: Muito obrigada! De verdade!
[21/04 15:53] **aylastorm**: Tava difícil de encontrar alguém por aqui pra me ajudar
[21/04 15:54] **smbdouthere**: Sério? Quer me adicionar? To sempre por aqui
[21/04 15:54] **aylastorm**: Jura? Seria o máximo, valeuuu

<<< **aylastorm** enviou um convite de amizade >>>
< [Aceitar](#) > < [Recusar](#) >

<<< Você e **aylastorm** agora estão conectados >>>

1

RAÍSSA

— Ainda não atualizou aí, né? — perguntei, ansiosa, pelo que devia ser a milésima vez.

— Ainda não, garota — respondeu o Leo, meu melhor amigo, com a voz entediada. — Faltam duas horas.

Era incompreensível para mim como ele podia parecer tão desanimado às vésperas do lançamento da expansão de Feéricos. Tudo bem que o Leo não era tão fã do jogo, mas mesmo assim! A ansiedade estava me deixando elétrica, e eu não conseguia parar quieta. Talvez também tivesse a ver com as duas canecas cheias de café que tinha tomado.

O lançamento oficial ia acontecer exatamente à meia-noite. Era quarta-feira, então precisei me entupir de cafeína para me manter acordada. Eu levantava às seis todo dia para ir à escola e precisava de, no mínimo, sete horas de sono para funcionar bem. Estaria ferrada amanhã, disso já tinha plena consciência, mas era o preço a se pagar para explorar a atualização do jogo em primeira mão. E eu estava *muito* disposta a pagar.

Não seria a primeira vez.

— Eu sei, mas vai que dá um bug e você acaba tendo acesso à expansão antes de mim de novo? — perguntei, carrancuda, enquanto monstros alados apareciam em meu campo de visão e eu dava cliques frenéticos no mouse e toques desesperados no teclado para meu elfo de pele negra e armadura brilhante começar a atacar.

Leo bufou do outro lado.

— Se isso acontecer vou te avisar.

Esse garoto era um insensível.

— Sei. — Um silêncio recaiu na linha, mas eu ainda podia ouvir o barulho incessante do teclado do Leo. — Atualizou?

— Tchau, Raíssa!

— Não, Leo, espera a... — Mas ele já tinha desligado.

Deixei minha cabeça pender para a frente, frustrada.

Eu sabia que estava sendo um pé no saco, mas a última atualização de Feéricos tinha sido uma confusão. Um problema técnico fez com que a expansão fosse liberada para alguns jogadores antes da hora, e o Leo tinha sido um dos filhos da mãe sortudos. Isso porque ele nem jogava Feéricos tanto assim! Não demorou muito até o pessoal da Nevasca Studios corrigir o erro e desativar o acesso, mas aí a merda já tinha sido feita, e eu tive que ouvir o Leo se gabar daquilo por meses. Agora ele estava fingindo indiferença, mas na época fazia questão de esfregar na minha cara em toda oportunidade que tivesse.

E olha, se vamos ser justos, o Leo só conhecia os jogos da Nevasca por *minha* causa. Eu que o apresentei àquele universo e foi assim que se viciou em Ataque das Máquinas, outro game da produtora. Ele devia me agradecer, isso sim.

Na falta de companhia, continuei algumas quests até ficar entediada. Um dos maiores problemas de mentir sobre a minha identidade é que havia poucas pessoas com quem pudesse conversar sobre o jogo, exceto os próprios jogadores — de quem eu não era lá muito próxima. Só o Leo sabia da história completa e era o único amigo de verdade com que eu podia falar sobre *tudo*. Além disso, nada no jogo parecia tão empolgante quanto a perspectiva da nova expansão. Por isso, minimizei o programa e abri o YouTube para rever as prévias que a Nevasca tinha lançado.

Abri o vídeo de Brianna Van Brummer, uma das personagens principais daquela expansão, uma fada vingativa cuja família inteira tinha sido morta por humanos, e o revi umas cinco vezes, reproduzindo as falas já gravadas na minha mente e imitando sua voz e seus trejeitos. Eu

ficava maravilhada com todos os personagens e prévias de Feéricos, mas as personagens femininas incompreendidas eram as que mais admirava. Talvez fosse justamente por me sentir como elas, menosprezadas pelos jogadores quando suas histórias eram obviamente as mais interessantes.

Estava prestes a colocar a cantiga feérica que tinham lançado no dia anterior quando uma ligação do Skype apareceu de repente na tela. O nome da Ayla quase gritou comigo na notificação, e meu estômago deu uma cambalhota.

Era sempre assim quando recebia uma chamada dela: tinha a mesma sensação de quando estava prestes a andar de avião. Não que eu já tivesse andado de avião muitas vezes. Da última vez, quando fomos visitar minha avó em Brasília, descobri que tinha desenvolvido pânico de voar. Fiquei tensa durante vários dias antes da viagem, a ponto de quase vomitar e desistir de tudo. Quando entrei no avião, pensei que ia morrer. Segui o voo inteiro agarrada à mão da minha mãe, suando frio, tremendo mais e mais a cada solavanco que a aeronave dava. Quando aterrissamos, minhas pernas ainda estavam bambas, mas não importava mais, porque eu tinha chegado e estava feliz em rever minha avó e toda a minha família, e o nervosismo ficara para trás.

Era exatamente desse jeito que eu me sentia quando falava com a Ayla.

Toda vez que ela me ligava no Skype, eu quase tinha um treco. Mas depois que atendia e começávamos a conversar, a sensação ruim passava. Sabe quando você está tão ansiosa e animada para uma viagem que enfrenta todos os obstáculos para chegar até lá?

Ayla era o destino da viagem pela qual eu mais ansiava.

O que só tornava tudo o que eu estava fazendo ainda pior.

Respirei fundo, me preparando, e atendi a chamada.

— Fala aí — eu disse, engrossando a voz.

Quando comecei a jogar dizendo que era um menino, já tinha planejado criar uma personalidade. Ou melhor, sabia exatamente a pessoa que ia imitar. Não seria burra de me fingir de homem sem realmente ter como fingir. Depois de muito refletir, acabei decidindo que o me-

lhora a fazer era me passar por alguém conhecido. Se um dia eu precisasse mostrar a cara, era bom ter uma saída para isso.

Foi aí que o Leo entrou.

Na época a ideia me pareceu genial.

— Oi! — A voz da Ayla soou empolgada. Não tinha como eu saber, mas gostava de imaginar que ela só ficava tão animada assim quando falava comigo. — Não me diga que você tá aqui de tocaia desde que chegou em casa...

— Então não digo.

Ayla gargalhou, e eu me perdi um segundo, encantada com o som. Às vezes, quando eu me desligava da realidade para apreciar momentos como esse, conseguia esquecer, pelo menos por um instante, a culpa guardada em algum canto obscuro dentro de mim.

Eu sabia que o que estava fazendo era horrível, mas não podia evitar. As coisas meio que tinham saído do controle.

Quando conheci a Ayla, não estava *planejando* enganá-la. Quer dizer, não mais do que eu já fazia com todo mundo. Justamente por ter que mentir sobre a minha identidade, sempre evitei desenvolver amizade com outros jogadores. Eles eram meus companheiros de jogatina, como eu gostava de chamar. A gente conversava por Skype, em chamadas em grupo, com muita frequência, mas eu não sabia nada sobre eles.

A Ayla chegou chutando essa porta que eu mantinha muito bem trancada.

De início, confesso que só aceitei ajudá-la porque entendia bem o que estava passando. Na verdade, ela não foi a primeira nem seria a última garota para quem eu tentaria mostrar que existiam pessoas legais no mundo dos games. Até mesmo meninos — o que eu só fui descobrir mais tarde, fingindo que era uma justiceira feminista do mundo geek.

Eu achava que era meu dever ajudá-la.

Só que as coisas foram diferentes com a Ayla.

— Desculpa não ter respondido sua mensagem mais cedo, tive que ajudar minha mãe na igreja, e ela fica no meu pé quando mexo no celular.

Quase podia vê-la revirar os olhos. Ayla dizia que, se sua mãe não a obrigasse a frequentar a igreja toda semana, ela talvez até simpatizasse com o catolicismo. Por isso, ter outra religião era quase uma forma de protesto silencioso para ela. Apesar de ter começado como birra, no fim ela se encontrou no budismo. Não que isso impedisse a mãe de continuar obrigando-a a assistir às missas de quarta e domingo.

— Mas adorei a cara do Gandalf, imagino que ele esteja ansioso para o lançamento da expansão.

Deixei escapar uma risada, me lembrando da imagem que tinha mandado para ela. Gandalf, meu gato, sempre saía assustado na frente das câmeras, então eu vivia tirando fotos engraçadas dele. Dessa vez, eu o tinha fotografado com uma imagem do jogo para demonstrar minha ansiedade para Ayla.

Já fazia alguns meses que nós duas andávamos conversando por mensagem. Inventei para minha mãe que uma parente do Leo tinha sido furtada e precisava de um aparelho para quebrar o galho enquanto não podia comprar um novo. Minha mãe foi muito solícita e doou um celular velho na maior boa vontade, que passei a usar para me comunicar com Ayla. Toda vez que eu tinha que deliberadamente fazer qualquer coisa para enganá-la, me sentia um lixo. E ainda tive que mentir para minha mãe também, o que piorava tudo.

Sabe quando as coisas vão virando uma bola de neve e você não tem chance de voltar atrás?

Foi num momento assim que eu tive que contar toda a verdade para o Leo e implorar sua ajuda. Afinal, era ele quem eu fingia ser. Ayla insistia para fazermos uma chamada de vídeo e eu já tinha esgotado minhas desculpas plausíveis. Então precisei recorrer a ele.

O Leo não ficou muito contente, mas no fim aceitou.

Ele era meu melhor amigo desde o fundamental, e nós dois éramos os esquisitos da turma. Ninguém enfiava nossa cabeça na privada nem prendia a gente no armário da escola, como acontece nos filmes americanos (nossa escola nem tinha armário), mas sempre acabávamos sobrando quando tinha trabalho em grupo. Apesar de termos perso-

nalidades bem diferentes, a cada dupla que formávamos eu percebia o quanto tínhamos em comum. Ele podia ser um pouquinho pé no saco às vezes, mas, assim como eu, também se sentia diferente do pessoal da escola.

Enquanto o resto dos meninos só queria falar de sexo (só falar mesmo, porque nessa idade o que eles mais adoravam era se gabar do que nunca tinham feito), o Leo queria debater livros comigo. Ou ver filmes de terror. Ou jogar. Ou fazer qualquer outra coisa que não envolvesse falar de sexo, de preferência. E, bem, todo mundo que conhece adolescentes em plena puberdade sabe que pessoas fora do padrão não costumam ser muito bem aceitas pelos coleguinhas de turma.

Ainda mais se você for um menino que não liga para sexo.

No meu caso, eu sentia que não me encaixava por outro motivo. Enquanto as outras meninas do fundamental conversavam sobre os garotos de quem gostavam, eu secretamente ficava babando pela beleza da Priscila Pena, do sétimo ano B, ou admirando as curvas da Lena Fernandes, do ensino médio.

E agora estava apaixonada por uma menina que acha que sou um menino.

[22/04 13:02] **aylastorm**: Alô, alguém por aí?

[22/04 13:02] **aylastorm**: Será que posso te perturbar de novo?

[22/04 13:10] **smbdouthere**: Claro!

[22/04 13:10] **smbdouthere**: Os duendes sangrentos tão te dando trabalho aí?

[22/04 13:12] **aylastorm**: Nossa, muito!

[22/04 13:12] **aylastorm**: Tô quase desistindo desse jogo

[22/04 13:15] **smbdouthere**: Nãããão

[22/04 13:15] **smbdouthere**: Não faça isso!

[22/04 13:15] **smbdouthere**: Vc vai se arrepender pelo resto da sua vida

[22/04 13:16] **smbdouthere**: Tudo bem, vou te ensinar minhas técnicas

[22/04 13:16] **smbdouthere**: Mas não conta pra ninguém o meu segredo

[22/04 13:16] **aylastorm**: Sou um túmulo, prometo!

2

AYLA

— Como foi seu dia? — perguntei ao Leo enquanto mordia um hambúrguer de grão-de-bico.

Aquela era uma das únicas coisas que me impedia de me revoltar contra as idas à igreja, toda quarta e domingo. Sempre que voltávamos de lá, minha mãe me deixava comprar um sanduíche na hamburgueria da esquina. O que era muito feio da parte dela — nós duas sabíamos que era um suborno, e dos grandes. Mas, por enquanto, eu estava feliz em ser subornada.

— Foi tenso. Não conseguia prestar atenção em nada. Meu professor de biologia chegou até a me chamar no fim da aula pra perguntar se tava tudo bem.

— Ah, é um CDF mesmo — provoquei, porque sabia que ele odiava ser chamado assim. Como se fosse ruim ser inteligente! — Meus professores nem prestam atenção em como eu tô.

— Não, mas seus súditos devem prestar — rebateu, com a língua afiada, me fazendo soltar uma risada. Um ronco escapou da minha garganta antes que eu tivesse tempo de suprimi-lo. Meu primeiro impulso foi de cessar a risada e pedir desculpas, mas relaxei. Já tínhamos passado por isso, o Leo e eu.

A primeira vez que aconteceu, ele não disse nada. Na segunda, também não. Mas na terceira, não aguentou.

— Se você tiver que pedir desculpas toda vez que ri, vou ser obrigado a retirar qualquer coisa minimamente engraçada das nossas conversas.

— Ai, desculpa — pedi mais uma vez, por força do hábito. — É que todo mundo me zoa por causa dessa risada, então acabei pegando o hábito.

— As pessoas são idiotas — resmungou, chateado.

A voz dele ficava engraçada quando dizia alguma coisa fofa. O Leo costumava falar meio pausadamente e tinha um tom suave, mas quando estava com vergonha sua voz afinava um pouco e ele acelerava o discurso.

— A sua risada é uma graça, dá vontade de rir junto — ele continuou, num tom meio agudo.

Era por esse tipo de coisa que eu tinha me apaixonado por ele.

O que era insano, considerando que nunca tínhamos nos encontrado pessoalmente.

Leo e eu nos conhecemos alguns meses antes, quando decidi começar a jogar Feéricos. Eu estava arrasada naquele dia, com raiva dos meus pais, e precisava de alguma coisa — qualquer coisa — para me distrair, para evitar que eu descontasse tudo na comida, algo que, até então, eu fazia mais do que gostaria de admitir.

Na época, já tinha instalado Feéricos no computador, mas estava cansada de tentar jogar porque toda vez tinha muita dificuldade de me juntar a qualquer grupo para cumprir missões. Quando os caras não estavam me ignorando por ser mulher, estavam dando em cima de mim por eu ser mulher e *gamer*.

Era nojento e frustrante.

Aí o Leo apareceu.

— Leo, daqui a pouco você vai ter um problema sério de saúde por deixar o jogo te afetar tanto — reclamei, preocupada, depois de enfiar o último pedaço de hambúrguer na boca. — Isso sem contar o tempo que você passa sentado na frente desse computador.

O Leo era provavelmente a pessoa mais viciada que eu já tinha conhecido. Não sei se isso devia me dizer alguma coisa sobre sua personalidade, mas, enquanto ele estivesse ali e continuasse conversando comigo, eu não iria me incomodar — a não ser que afetasse sua saúde,

claro. O meu maior medo era que o Leo superasse o jogo e começasse a se distanciar para viver a vida off-line.

Poucas pessoas conseguiam me deixar tão à vontade quanto ele. Talvez o motivo fosse justamente a nossa relação virtual: o Leo gostou de mim antes de conhecer minha aparência, e vice-versa. Num mundo onde a aparência parecia ser a primeira coisa que todo mundo reparava, conviver com ele era revigorante.

— Ei! Você tá julgando mal a minha rotina de exercícios. Quer dizer, eu malho muito os braços, poxa.

Arfei, dividida entre o susto e o riso com aquela declaração. Leo não costumava falar muita sacanagem, então era óbvio que não tinha dito aquilo no mau sentido. O que só deixava tudo ainda mais engraçado.

— Não, não, eu... — ele começou a tentar se justificar.

Mas não o deixei falar.

— Ai, que nojo! Não preciso ficar sabendo desses detalhes sórdidos da sua vida pessoal. — Adorava ouvi-lo com vergonha. Para falar a verdade, eu provavelmente era a tarada da relação, porque falava muito mais besteira do que ele. — Espero que não fique *malhando o braço* com a minha foto aberta aí!

— Não! Eu quis dizer com o mouse e o teclado e a comida — apressou-se em dizer, a voz cada vez mais aguda, a respiração quase ofegante.

— Sei — falei, séria, soltando uma baforada pelo nariz. Mas não aguentei e deixei escapar uma risada.

— É verdade, tá? — Ele parecia mais calmo agora ao perceber que eu estava brincando. — Eu estava...

De repente, um barulho alto irrompeu pelo fone e alguém gritou:

— Raíssa! — Antes de o áudio ficar mudo.

Suspirei.

Raíssa era a irmã do Leo, e de vez em quando podia ouvir a mãe deles brigando com ela. Acho que ele sentia vergonha dos sermões, porque sempre desligava a ligação nesses momentos.